

OS ESCRITORES E A TRADUÇÃO NA EDITORA GLOBO ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1960

WRITERS AND TRANSLATION ON GLOBO PUBLISHING HOUSE BETWEEN THE 1930S AND THE 1960S



Sheila Maria dos SANTOS*
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: É inegável a importância da editora Globo de Porto Alegre na consolidação de uma literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio, leitores brasileiros puderam conhecer, em impecáveis traduções, obras de Thomas Mann, Somerset Maughan, Virginia Woolf, Marcel Proust, Giovanni Papini, Conrad, Graham Greene, Aldous Huxley, John Steinbeck, autores das mais diversas nacionalidades. Para fazê-lo, os editores Bertaso e Verissimo, responsáveis pela seleção das obras que seriam traduzidas pela Globo, bem como pela escolha do tradutor incumbido para tal função, faziam questão de manter um seletivo e experiente grupo de escritores-tradutores, que contou com nomes tais como Mario Quintana, um dos tradutores mais produtivos da Casa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, José Lins do Rego, além do próprio Erico Verissimo. Tendo em vista tais fatos, pretende-se, com esse trabalho, investigar o quadro de tradutores da Coleção Nobel, única coleção da editora Globo dedicada exclusivamente à literatura traduzida, atentando para a escolha dos tradutores de acordo com o valor literário atribuído à obra a ser traduzida, a fim de refletir acerca da influência do escritor-tradutor na formação do cânone de literatura traduzida no Brasil.

Palavras-chave: Editora Globo. Escritor-tradutor. Cânone literário. Tradução literária.

Abstract: *The importance of Globo publishing house from Porto Alegre on consolidating a good foreign literature in Brazil is undeniable. Through it, Brazilian readers have read indefectible translations of books written by names as Thomas Mann, Somerset Maughan, Virginia Woolf, Marcel Proust, Giovanni Papini, Conrad, Graham Greene, Aldous Huxley, John Steinbeck, just to name a few of the translated writers. The translation of these writers' books attested the interest in extending the frontiers of literary knowledge beyond France by publishing writers of diverse nationalities. To achieve that purpose, the editors, Bertaso and Verissimo, who were responsible for selecting the works that would be translated and published by Globo, as well as for choosing the translators in charge. They persisted in keeping a selected and experienced group of Brazilian writers/translators, with names such as Mario Quintana – one of Globo's most productive translators –, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, José Lins do Rego and Erico Verissimo himself. Thus, with this work, we intend to investigate the translators' staff of the Nobel collection – which is dedicated exclusively to translated literature –, taking into consideration the translator's selection by the editors according to the literary value attributed to the work that would be translated, aiming on reflecting upon the writer-translator's influence in the formation of the translated literature's canon in Brazil.*

Keywords: *Globo Publishing House. Writer-translator. Literary canon. Literary translation.*

1. Introdução

É inegável a importância da Editora Globo, de Porto Alegre, na consolidação de uma literatura estrangeira de qualidade no Brasil. Por seu intermédio os leitores brasileiros travaram contato com as obras de Proust, Thomas Mann, Somerset Maughan, Virginia Woolf, James Joyce, Giovanni Papini, Conrad, Graham Greene, Huxley, Steinbeck, entre outros nomes, que evidenciavam uma intenção de expandir as fronteiras do conhecimento literário para além da França, publicando, igualmente, escritores alemães, italianos, espanhóis etc. Tal fato tanto mais impressiona dada a localização da editora fora do eixo Rio – São Paulo em uma época descrita por Laurence Hallewell nestes termos:

Nos derradeiros anos do Império, Porto Alegre era uma cidadezinha de 25.000 almas, sem abastecimento público de água nem esgoto, sem iluminação de rua após as dez da noite, com apenas dois bancos e só três livrarias. Era uma capital sem nenhuma instituição de ensino superior e um porto que dependia de um solitário vapor que, uma vez por mês, a ligava ao resto do país (HALLEWELL, 1985, p. 310).

106

Este fato não impediu que Laudelino Pinheiro Barcellos montasse, em parceria com Saturnino Alves Pinto, no ano de 1883, a Livraria do Globo, na Rua da Praia, nº 268, no centro de Porto Alegre. Inicialmente concebida como um comércio, a então Livraria do Globo funcionava como uma espécie de papelaria, onde eram oferecidos, além de artigos variados para escritório, “serviços de encadernação e pautaço, fabricando ‘livros em branco’ para a escrituração dos estabelecimentos comerciais” (AMORIM, 2000, p. 22). Com o passar do tempo, a empresa foi expandindo seus negócios, e, em 1909, eles compram a primeira linotipo e passam a publicar livros de autores da região. Entre 1924 e 1930 foram editados cerca de 130 títulos (AMORIM, 2000, p. 32). No entanto, Mansueto Bernardi, que havia sido contratado para atuar como orientador literário da Casa, possuía ambições maiores para a empresa e decide, em comum acordo com Bertaso, dar os primeiros passos rumo à ampliação do mercado, que teve, no período de seis anos (1924 - 1930), 33 títulos traduzidos, não somente da língua francesa, mas também do italiano, do inglês e do espanhol.

Porém, é somente a partir de 1930, quando Henrique Bertaso propõe a seu pai, José Bertaso, que eles organizem, com o auxílio de Erico Verissimo, “uma seção editora, partindo de algumas ideias de Mansueto Bernardi, no sentido de que a Livraria do Globo traduzisse por conta própria e apresentasse aos leitores brasileiros obras de autores europeus” (BERTASO, 1993, p. 15), que a editora se consolida no mercado de literatura traduzida.

Então, em 1931, a Editora Globo nasce da Livraria do Globo, e a partir desse momento, Henrique e Erico investem a fundo em traduções, tanto de autores contemporâneos quanto clássicos, em um projeto que possuía motivações práticas decorrentes de sua situação geográfica: longe do eixo Rio-São Paulo, os poucos autores nacionais publicados eram do Rio Grande do Sul, visto que os grandes escritores encontravam-se no Rio de Janeiro e eram publicados, sobretudo, pela José Olympio. Somam-se a isso a falta de recursos para desenvolver um projeto editorial complexo e a busca dos clientes por autores estrangeiros, enfim, tudo parece guiar os caminhos da editora para a edição de tradução. Tal escolha acaba por eliminar diversas etapas no processo de edição, tais como a delimitação das linhas editoriais, a captação de títulos existentes sobre os assuntos escolhidos, os contatos com autores para a captação dos manuscritos, o acompanhamento da elaboração dos originais, entre outros (cf. AMORIM, 2000, p. 71).

Desse modo, a escolha pela área da edição de literatura traduzida apresenta-se como a saída mais coerente, visto que, nesse caso, todas as etapas precitadas seriam eliminadas ou reduzidas, afinal, conforme aponta Amorim (2000, p. 71), o editor estrangeiro “já deu conta de ‘quase’ tudo: escolheu autor e obra, definiu formato, tipologia, configuração visual do livro, sem contar que já correu o risco de editar algo inédito, testando seu *feeling* editorial”. Portanto, as escolhas de Bertaso e Verissimo parecem ser as mais sábias, uma vez que os riscos são drasticamente reduzidos. É também nessa época que surgem as coleções, com o intuito de esvaziar os depósitos de livros que se encontravam atulhados, que eram vendidas no sistema porta a porta, a exemplo da editora José Olympio, que já havia dado início a tal prática. Ao todo foram criadas dez coleções, a saber, Amarela, Biblioteca dos Séculos, Catavento, Clube do Crime, Espionagem, Globo, Tucano, Universo, Verde e a Nobel, que me interessa em particular por conter exclusivamente traduções, além de ter sido a série de maior repercussão já editada pela Globo, tendo influenciado toda uma geração de leitores durante os 25 anos de duração, entre 1933 e 1958.

O fato de ter sido criada durante o período áureo da tradução no Brasil, entre 1933 e 1958, pode explicar sua opção por publicar exclusivamente obras estrangeiras, destacando-se por ser a única a fazê-lo, posto que em todas as outras coleções foram publicadas, igualmente, obras de autores nacionais. Além disso, destacava-se pela miscelânea de obras que compunham seu acervo que, ao contrário do que o nome indica, não publicou somente ganhadores do prêmio Nobel de Literatura, embora tenha em sua lista alguns laureados, tais como Pearl Buck, William Faulkner, John Galsworthy, André Gide, Selma Lagerlöf, Sinclair

Lewis, Thomas Mann, Roger Martin du Gard, Luigi Pirandello, Romain Rolland, George Bernard Shaw e John Steinbeck. Tampouco dedicava-se, exclusivamente, a autores de fama internacionalmente reconhecida, razão pela qual o público pôde desfrutar de grandes clássicos da literatura universal, tais como Marcel Proust, James Joyce, Thomas Mann, além de autores de menor impacto, como é o caso de Liam O'Flaherty, Kathleen Norris, Richard Aldington, entre outros. Não obstante, vale lembrar que “vinte por cento da Nobel é de obras de um único autor, Somerset Maugham” (AMORIM, 2000, p. 91).

2. Equipe de tradutores

Até 1947, a Globo contava com uma equipe de tradutores que trabalhava nas dependências da empresa, onde tinham acesso a obras de referência, bons dicionários, além do contato com outros tradutores, o que possibilitava uma troca de ideias produtiva acerca dos problemas enfrentados durante o processo de tradução. A ideia da criação da equipe surgiu por conta da qualidade questionável das traduções que vinham sendo produzidas não somente na Globo, mas no Brasil em geral, o que estimulou Verissimo e Bertaso a “pôr em prática o plano de ‘saneamento’ de nossas traduções. Contratamos vários tradutores com um salário fixo” (VERISSIMO, 1996, p. 50). Infelizmente, como lamenta Verissimo (1996, p. 51), “Foi em 1947, ano financeiramente mau para a Seção Editora, que essa admirável equipe foi dissolvida, embora permanecesse intacto o nosso propósito de dar a nossos livros as melhores versões brasileiras possíveis”. Todavia, os ilustres colaboradores, escritores-tradutores responsáveis pelas traduções da Casa, mantiveram o vínculo com a Globo mesmo após o término da equipe, o que permitiu que o nível das traduções não descaísse por conta disso. É curioso notar que a preferência por escritores-tradutores a tradutores não era um capricho de Erico e Henrique, fruto de um puro interesse comercial em vender, igualmente, o nome do escritor brasileiro que assinava a tradução, mas um consenso da época que, aliás, se estende até hoje, conforme lembra José Paulo Paes em seu livro *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir* (2008).

Por essa razão, a Globo investiu maciçamente em tradutores que já possuíam algum envolvimento literário pessoal, tais como escritores de fama reconhecida, intelectuais, críticos, acadêmicos, deixando aos tradutores exclusivos, ou seja, os que não possuíam outros vínculos com a literatura, as obras de menor valor literário. A fim de comprovar tal hipótese, eu realizei uma análise do quadro de traduções da Coleção Nobel, atentando para a escolha dos tradutores de acordo com o valor atribuído à obra a ser traduzida, e pude verificar uma

tendência por parte dos editores em reservar as obras de reconhecido valor literário a escritores-tradutores, reforçando, assim, a canonicidade da obra em questão, visto que sua importância primária é acentuada pela influência positiva exercida pela presença de um escritor-tradutor responsável pela tradução.

3. A Coleção Nobel

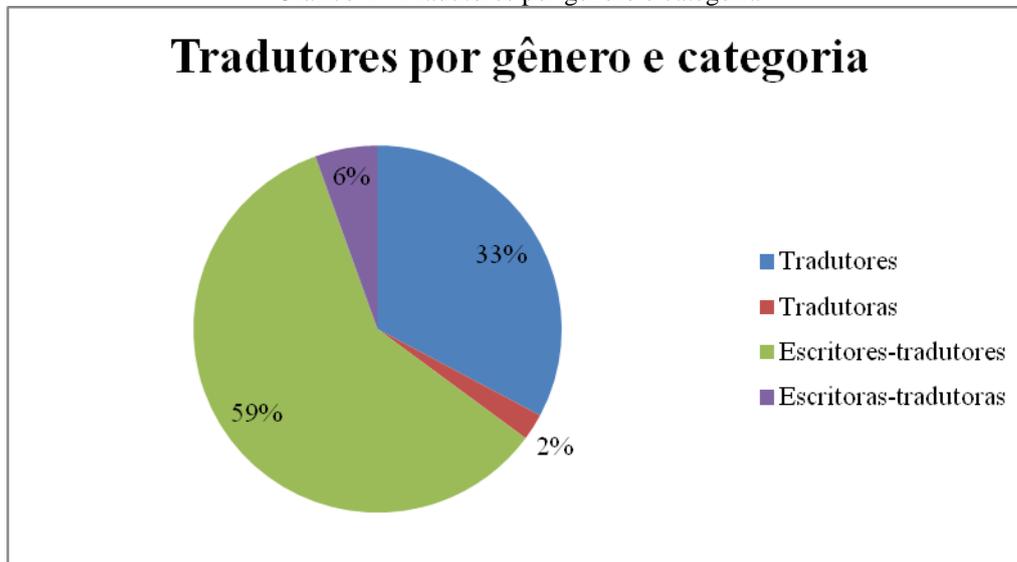
Conforme dito anteriormente, a Coleção Nobel foi sem dúvida a de maior repercussão já editada pela Editora Globo. Por conseguinte, os tradutores selecionados para traduzirem as obras que figurariam no catálogo da coleção eram escolhidos a dedo por Bertaso e Verissimo, de acordo com seu conhecimento e experiência, de modo que novatos não figuravam no time, como sugere Verissimo ao falar de Leonel Vallandro, que “foi então ‘promovido por merecimento’ da Coleção Amarela para a Nobel, e com o tempo transformou-se não só no melhor tradutor da casa como num dos melhores do Brasil” (VERISSIMO, 1996, p. 52), sugerindo justamente a importância desta coleção, em comparação com as outras. A seleção dos tradutores devia, portanto, refletir o prestígio da coleção, dedicada exclusivamente à literatura estrangeira.

É escusado lembrar que, nessa época, as editoras disputavam a contratação de escritores-tradutores famosos, conforme indica Laurence Hallewell – uma prática comum entre a Globo, a Melhoramentos, a Nacional, a José Olympio – por várias razões, dentre as quais motivações publicitárias, além da tranquilidade transmitida aos editores com relação à qualidade do produto final. Esse fato pode ser facilmente confirmado através de uma análise dos números da tabela de obras publicadas pela Coleção Nobel. Dos 128 títulos que figuram no catálogo, apenas 43 foram traduzidos por tradutores que não possuíam obra poética própria, contra 85 obras traduzidas por escritores-tradutores. Além dos principais colaboradores da coleção, previamente elencados, vale lembrar a participação feminina no quadro de tradutores. De 128 obras, apenas treze foram traduzidas por mulheres, sendo que sete delas exerciam, outrossim, a profissão de escritora, deixando como representantes da categoria de tradutora apenas Berenice Xavier, Felipa Muniz e Lourdes Sousa de Alencar, companheira de Manuel Bandeira e co-tradutora do quinto livro da série *À la recherche du temps perdu*, de Proust, a saber, *A prisioneira*.

Através do gráfico abaixo é possível perceber a desproporção entre as categorias de tradutor e escritor-tradutor atuantes na Coleção Nobel, traço que comprova a clara preferência da Editora por escritores-tradutores, em detrimento de tradutores, além de indicar a ínfima

participação da mulher neste campo, cuja presença é reduzida a 2% para a categoria de tradutora e 6% para a categoria de escritora-tradutora:

Gráfico 1 - Tradutores por gênero e categoria



Fonte: a autora

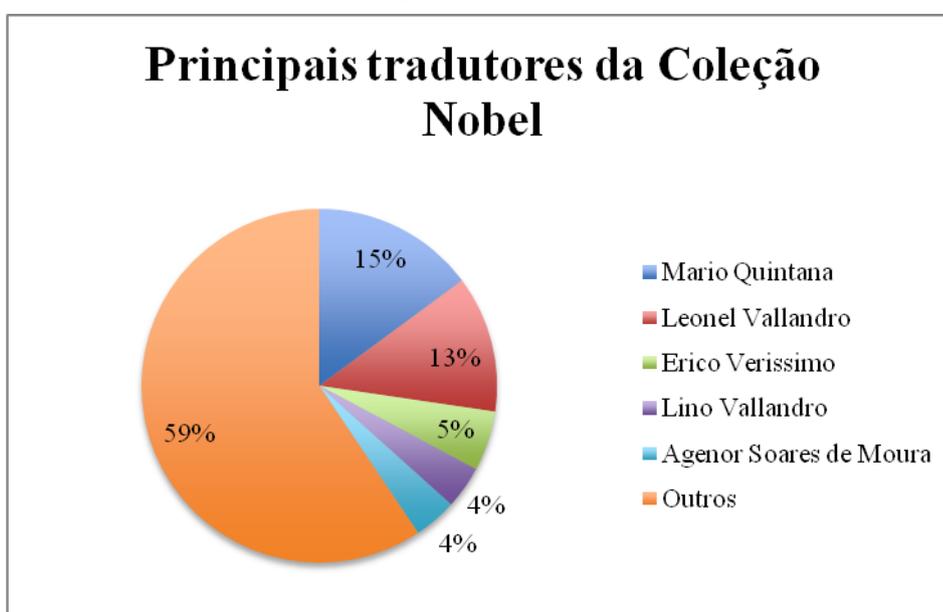
110

De posse de tais dados, é possível destacar o perfil dos tradutores da Coleção Nobel, apontando a inclinação da Editora pela manutenção de um quadro de tradutores cuja atuação não se limitasse à prática da tradução, mas que atuassem, igualmente, como escritores. Desse modo, buscava aumentar o prestígio da Coleção e impulsionar a venda de seus títulos, uma vez que tais obras possuíam uma espécie de selo de garantia, assegurado pelo valor da assinatura da tradução. Tal fato pode ser facilmente comprovado através da própria obra de Proust no Brasil, que conta com uma retradução integral realizada por Fernando Py (2001), publicada pela Editora Ediouro, que possui a vantagem de ter sido realizada a partir da versão definitiva da *Pléiade*, de 1987, organizada por Jean-Yves Tadié. Esta edição foi fruto de um imenso trabalho genético realizado pela equipe Proust do ITEM (*Institut des Textes et Manuscrits Modernes*), que corrigiu centenas de trechos incorretos, além de acrescentar diversos excertos excluídos da edição da *NRF*, esta extremamente defeituosa, considerada “abominável” por Samuel Beckett (1990, p. 19 apud JULLIEN, 2015, p. 70), e que serviu de base para a tradução da Globo. Não obstante, ainda hoje, esta retradução permanece à sombra da primeira tradução, aclamada mais por conta do nome dos escritores-tradutores que pela precisão do texto em si, defeituoso não pela qualidade da atuação dos escritores-tradutores, mas pelo fato de ter tomado como texto-fonte uma versão desatualizada e problemática em

diversos aspectos. Portanto, seria ingenuidade desconsiderar a importância do nome do escritor-tradutor, que muitas vezes se sobressai à qualidade do trabalho em si.

Além disso, preparei outro gráfico que aponta os principais tradutores da Nobel, como, por exemplo, Mario Quintana, que traduziu vinte títulos da coleção, ou seja, 15% das obras da Nobel foram de responsabilidade de um único escritor-tradutor. O mesmo ocorre com o experiente tradutor Leonel Vallandro, segundo maior colaborador da Nobel, tendo traduzido dezesseis obras, seguido de Erico Verissimo, peça fundamental da Editora em diversos aspectos e tradutor de sete títulos da coleção, e, finalmente, Lino Vallandro, irmão de Leonel, tradutor de cinco livros da Nobel, assim como Agenor Soares de Moura:

Gráfico 2 – Principais tradutores da Coleção Nobel



Fonte: a autora

É interessante notar que embora Verissimo sugira que somente tradutores experimentados atuavam na Coleção Nobel, vemos a escritora Cecília Meireles estreitar com a tradução de *Orlando*, obra canônica de Virginia Woolf (1948), ao contrário do que ocorre com o tradutor Leonel Vallandro, por exemplo, que precisou traduzir diversas obras de menor impacto, em coleções secundárias, até galgar seu espaço no seletivo grupo de tradutores da Nobel.

Ademais, a atribuição das obras que deveriam ser traduzidas entre os membros dessas duas categorias – escritores-tradutores e tradutores que não possuem obra poética própria – indica uma atenção especial à posição que o autor da obra ocupa no sistema literário mundial,

respeitando, portanto, princípios canônicos. Sabe-se que o cânone se constitui a partir da noção de valor, conforme indica sua etimologia. Em grego, *kanōn* significa régua, medida, ou seja, relacionado à Literatura, de modo geral, o cânone seria uma norma representada por obras que deveriam ser imitadas por conta de sua grandeza, além de sua durabilidade e de seu caráter universal (cf. BLOOM, 2013; BONNICI, 2011). Conforme defende Antoine Compagnon (1998, p. 269), o cânone “compõe um firmamento para o qual a questão da admiração individual não é mais posta: seus monumentos formam um patrimônio, uma memória coletiva”ⁱ, de modo que é seguro afirmar que o cânone possui uma função reguladora, responsável por promover obras à categoria de “clássicos”.

Nesse sentido, o autor e a obra de maior *valor* são destinados a escritores-tradutores, ao passo que autores secundários são traduzidos por tradutores, como sugere alguns dados do quadro de traduções da Coleção Nobel, em que uma autora canônica como Virginia Woolf é traduzida por Cecília Meireles, *Orlando* (1948), e Mario Quintana, *Mrs. Dalloway* (1946), enquanto a pouco conhecida Clemence Dane tem sua obra *A lenda de Madala Grey* (1949) traduzida por Esperança Medina, ou ainda Lion Feuchtwanger, cuja obra *Flavius Josephus* (1934) foi traduzida pelo tradutor Álvaro Franco.

112

Se continuarmos a análise do quadro, veremos solidificar-se a hipótese de reforço da canonicidade da obra por meio do escritor-tradutor e a consequente marginalização do tradutor, que atua, sobretudo, em obras de menor impacto. Tal procedimento transparece em outros exemplos, como no caso da escritora russa Alia Rachmanova, cujas obras *Estudantes, amor, tscheka e morte* (1936) e *Diário de uma exilada russa* (1939) foram traduzidas respectivamente por Felipa Muniz e Esther de Viveiros. Ou ainda o escritor argentino Gustavo Adolfo Martínez Zuviría, publicado sob o pseudônimo Hugo Wast, que teve sua obra *Dom Bosco e seu tempo* (1933) traduzida pelo tradutor Almachio Cirne, bem como Cecil Scott Forester, cuja obra *O general* (1941), única do autor a figurar na Coleção, foi traduzida por Gino Luiz Cervi. Tal situação contrasta com a de autores de maior impacto e circulação como Aldous Huxley, que teve sete obras publicadas na Coleção, das quais seis foram traduzidas por grandes escritores-tradutores, a saber, Erico Verissimo, Mario Quintana, Moacir Werneck de Castro, Paulo Moreira da Silva e V. de Miranda Reis.

O mesmo ocorre com James Joyce, autor canônico, traduzido pelo escritor-tradutor José Geraldo Vieira, *Retrato do artista quando jovem* (1945), ou então André Maurois, traduzido por Quintana, Charles Morgan, que teve três das cinco obras publicadas pela Nobel traduzidas por escritores-tradutores, a saber, Mario Quintana, *A fonte* (1944) e *Sparkenbroke*

(1942), e Sérgio Milliet, *A Viagem* (1945), além de duas obras traduzidas por Lino Vallandro, tradutor profícuo da Globo, responsável por *A história do juiz* (1951) e *Retrato num espelho* (1948).

Além dos autores precitados, podemos pensar nos ganhadores do prêmio Nobel que figuram na Coleção de mesmo nome. Das seis obras de Pearl Buck que constam no catálogo apenas uma é realizada por um tradutor que não possui obra poética própria, mas que é um tradutor renomado, Lino Vallandro, que aliás traduziu 4% das obras da Nobel (Ver Gráfico nº 2), ao passo que as demais contaram com traduções de escritores-tradutores tais como Oscar Mendes, *China, velha China* (1937), Mario Quintana, *Debaixo do céu* (1940), Antonio Acauã, *Os filhos de Wang Lung* (1951) e *Casa dividida* (1952), e Esther de Viveiros, *O patriota* (1940). O laureado John Galsworthy teve sua obra *Flor escura* (1940) traduzida pelo escritor-tradutor Miroel Silveira, que também foi importante teatrólogo, ensaísta, diretor e crítico teatral brasileiro. No mesmo fluxo, André Gide teve sua obra, *O imoralista* (1947), traduzida pelo escritor-tradutor Theodomiro Tostes, assim como Luigi Pirandello e sua obra *O falecido Matias Pascal* (1933), traduzida por Augusto Gonçalves de Souza Júnior que, de acordo com Cunha (1999, p. 59) foi “um legítimo homem das letras”, contista, novelista, romancista, tradutor e diretor do *Jornal da Manhã*, em 1934.

O livro das lendas (1941), da laureada Selma Lagerlöf, foi traduzido pela escritora-tradutora Pepita de Leão, indicando com isso certa tendência por parte dos editores em atribuir às (escritoras-)tradutoras as poucas obras de autoria feminina que figuram na Nobel, como ocorre com Gilda Marinho, cujas únicas duas obras que traduziu para a Coleção foram das autoras Marie Bashkirtseff e de Margaret Kennedy, Cecília Meireles traduziu Virginia Woolf, Felipa Muniz tradutora de Alia Rachmanova etc. Ora, essa propensão segregativa parece ter a mesma motivação dos que acreditam que é preciso ser poeta para traduzir poesia, ou seja, que é preciso ser mulher para traduzir obras de autoria feminina, limitando, com isso, ainda mais o alcance das mulheres no ramo da tradução, se levarmos em conta a baixíssima quantidade de publicações de obras de autoria feminina no mercado mundial.

Considerações finais

Busquei, com esta sucinta análise do quadro de tradutores da Coleção Nobel, revelar uma clara hierarquia entre os agentes responsáveis por tais traduções. De modo que se os pusessemos em uma régua, seguindo, portanto, critérios canônicos, iria da tradutora, em último lugar, com uma participação inexpressiva de 2%, seguido da escritora-tradutora, com

6% de participação nas traduções, aos tradutores que não possuem obra poética própria, com uma participação mais significativa, se comparada às mulheres, uma vez que são responsáveis por 33% das obras traduzidas, e, finalmente, os escritores-tradutores, sem dúvida, membros da categoria mais prestigiosa dentre as precitadas, responsáveis por 59% das traduções da Nobel.

Ora, acredito que essa organização estratificada dos responsáveis pelas traduções da Nobel possui ao menos uma consequência negativa no que diz respeito à visibilidade do(a) tradutor(a) que não possui obra poética própria, e que acaba sendo impedido(a) de alcançar um nome em sua própria área profissional. Afinal, a possibilidade para um tradutor exclusivo de traduzir uma obra canônica, certamente proporcionaria uma maior visibilidade a este agente, que acaba cerceado em sua própria profissão, uma vez que, ao optar por um escritor-tradutor, está-se promovendo, na verdade, o nome do escritor, deixando o tradutor, mais uma vez, à margem da criação, à sombra da autoria e de sua própria profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

114

AMORIM, Sônia Maria de. **Em Busca de um Tempo Perdido**: edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

BERTASO, José Otávio. **A Globo da rua da praia**. São Paulo: Globo, 1993.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Tradução, introdução e notas de Manuel Frias Martins. Lisboa: Temas e debates – Círculo de Leitores, 2013.

BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Marcio Roberto (Org.). **Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura**. Maringá: Eduem, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **Le démon de la théorie : littérature et sens commun**. Paris: Editions du Seuil, 1998.

CUNHA, Patricia Lessa Flores da. "De Souza Júnior: um risco claro na vida da província". In: BAKOS; Margaret Marchiori; PIRES, Leticia de Andrade (Orgs.). **Os escritores que dirigiram a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução de Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Queroz Editor, 1985.

JULLIEN, Dominique. "The way by Lydia's (I): réflexions sur la traduction de Lydia Davis". In: SOSTERO, Geneviève Henrot; LAUTEL-RIBSTEIN, Florence (Orgs.). **Revue d'études proustiennes : traduire "A la Recherche du temps perdu"**. Paris: Classiques Garnier, 2015. pp. 69-82.

PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir.** São Paulo: Ática, 2008.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso:** artigos diversos. São Paulo: Globo, 1996.

VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta:** memórias, primeiro volume. Porto Alegre: Globo, 1974.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis:** uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.

RECEBIDO EM: 31 de julho de 2017

ACEITO EM: 23 de agosto de 2017

PUBLICADO EM: dezembro de 2017

* Sheila Maria dos SANTOS. Doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Littératures Comparées (2013) pela Universidade de Paris-Sorbonne IV, França. Graduada em Letras (2010) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Bolsista CAPES. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0385056960675473> E-mail: dossantos.sheilamaria@gmail.com

ⁱ “*compose un firmament pour lequel la question de l’admiration individuelle ne se pose plus : ses monuments forment un patrimoine, une mémoire collective*” (Tradução nossa).